

DESINTEGRAÇÃO E RESILIÊNCIA DE SOCIEDADES AGRÁRIAS AFRICANAS - A IMPORTÂNCIA DE RECURSOS GENÉTICOS E DE RECURSOS SOCIAIS. Estudo de caso na Guiné-Bissau

Marina Padrão Temudo*
Ulrich Schiefer**

Resumo: A desintegração das sociedades africanas - processo que até agora tem ocorrido de uma forma lenta - está a entrar numa fase em que as suas manifestações são mais evidentes. Os sub-sistemas políticos das sociedades centrais, organizados em moldes de um Estado pós-colonial, entram em processos de desintegração acelerada ou mesmo de colapso.

Nestas situações - englobadas geralmente na designação de "crise africana" - as populações com melhores hipóteses de sobrevivência são as organizadas em sociedades agrárias ditas "tradicionais". A resiliência destas sociedades - que resistiram com algum sucesso aos efeitos destruidores das tentativas de modernização tanto coloniais como pós-coloniais - manifesta-se na sua capacidade de auto-organização, na sua estabilidade social e na sua produção agrícola. As sociedades agrárias podem, desta forma, constituir um recurso importante para a sociedade central, como enclaves de estabilidade e de potencial produtivo, assegurando em muitos casos, de situações de emergência, a sobrevivência de populações de deslocados.

A capacidade de, em situações adversas, manter o *stock* de recursos genéticos das plantas alimentares e reproduzir as relações de entre-ajuda no seio do parentesco, da amizade e da vizinhança são factores importantes do potencial de reconstrução das sociedades agrárias. Esta tese é defendida através de um estudo de caso realizado na Guiné-Bissau, na sequência do conflito armado ocorrido recentemente.

Palavras-chave: Guiné-Bissau, Sociedades agrárias, Desintegração de sociedades, Resiliência, Guerra, Recursos genéticos, Recursos sociais.

INTRODUÇÃO

Os processos de desintegração que assolam as sociedades agrárias africanas decorrem a ritmos e velocidades muito diferentes. Se as guerras provocam as mudanças mais bruscas e mais facilmente detectáveis, existem processos mais lentos, cujos efeitos são de detecção e compreensão mais difíceis e que, a médio-longo prazo, provocam maior impacto sobre as sociedades em questão.

Assim, é importante distinguir entre processos que provocam danos na capacidade de reprodução das sociedades, mas que, em certa medida, não põem em causa o seu potencial de reconstrução e processos que comportam uma certa irreversibilidade na descida dos níveis de reprodução social.

A desintegração das sociedades agrárias do Sul da Guiné-Bissau foi estudada recorrendo ao conceito de reprodução social, em que se distinguiu uma dimensão interna e outra externa. Entendeu-se, desta forma, que a desintegração das sociedades consiste na perda do seu potencial de reprodução social interna, que se traduz num processo de disrupção das suas instituições - processo mais acelerado quando se verifica uma erosão da dimensão espiritual⁴ - e de perda do potencial de renovação dos efectivos económicos e de reconstrução das relações sociais.

* Instituto de Investigação Científica Tropical.

** Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa.

⁴ Repare-se que a esfera mágico-religiosa actua também como um mecanismo de redução do espaço de manobra dos indivíduos, limitando a mudança a proporções aceitáveis socialmente. Desta forma, constitui uma estratégia de minimização de riscos, como também afirma Desjeux (1987:102). Atteslander (1995:10 e 12) afirma que o desenvolvimento sustentável "is only possible if social change can be guided (...) It is not social change in itself which destabilizes collective order but rather its monstrous acceleration which results from more disparate development processes. The inability to keep pace with change leads to crisis-laden collapses of order with entire societies".

À medida que as instituições se desintegram, verifica-se uma diminuição do potencial de socialização, acompanhado de um crescendo de comportamentos desviantes - como os roubos e o alcoolismo -, que reflectem o início de um processo de anomia social⁵.

O crescimento demográfico, quando ocorre em simultâneo com um disfuncionamento das instituições locais, constitui, por si próprio, um factor catalizador de desintegração social, podendo conduzir a situações de verdadeira "pilhagem" dos recursos naturais⁶.

A perda do potencial de reprodução externa - que não se reflecte forçosamente em termos de desintegração social - manifesta-se pela erosão das relações de confiança nas instituições externas da sociedade central e, em certas circunstâncias, em outras sociedades agrárias, podendo conduzir à "encapsulização" das sociedades. Em certas situações de colapso da sociedade central, as sociedades agrárias podem mesmo reforçar a sua estabilidade, ao se manterem relativamente à margem do sistema político, económico e social envolvente⁷.

O colapso da sociedade central da Guiné-Bissau e a desintegração das sociedades agrárias da região de Quínara foram estudados por Schiefer (2000), com base em pesquisa empírica realizada em vários períodos de longa duração, entre 1987 e 1992. Temudo estudou, de 1993 a 1996, os sistemas de sustento (do inglês *livelihood systems*) e os processos de desintegração das sociedades multi-étnicas da península de Cubucaré (região de Tombali⁸), bem como a interface de saberes e de instituições que se estabeleceu no decurso das intervenções externas sobre estas sociedades (Temudo, 1998a e 1998b). Em Dezembro de 1999 e Março-Abril de 2000 analisou o impacte da guerra (1998-1999) sobre o processo de desintegração das sociedades agrárias e as estratégias de sobrevivência desenvolvidas por estas durante uma situação de crise. O estudo de caso que agora se apresenta tem como objecto as sociedades agrárias do território nalú de Cubucaré (regulados de Cadique e Catedú).

Considerou-se que as estratégias encontradas pela população rural para gerir os recursos disponíveis durante e após o recente conflito armado, que convulsionou o país durante quase um ano, e a relação que estabeleceram com os deslocados das zonas urbanas constituíam um indicador privilegiado do potencial de reconstrução das sociedades agrárias estudadas.

A pesquisa empírica realizada pelos autores beneficiou da utilização de uma "policultura metodológica", i.e., ao longo do tempo e em diferentes situações foram experimentados diferentes fontes, métodos e técnicas, que vão da tradição oral e da observação participante aos inquéritos formais. Na pesquisa realizada em Cubucaré, entre 1993 e 1996, estes questionários formais incidiram sobre uma amostra de 47 famílias (*morangas*). Em 2000, a amostra incluiu o painel inicial de inquiridos e foi alargada para um total de 99 *morangas*.

Adoptou-se uma abordagem orientada para os actores sociais, tal como foi definida por Norman Long e colaboradores (Long e Long, 1992).

RECURSOS SOCIAIS: A SOLIDARIEDADE COMO PRINCÍPIO ESTRUTURANTE

A península de Cubucaré, sendo uma pequena região (cerca de 1142 km²) apresenta uma multiplicidade étnica acentuada. Tendo sido inicialmente povoada pela etnia nalú, foi ao longo dos tempos sujeita a vagas sucessivas de imigração por outras etnias, das quais as mais representativas actualmente são a balanta, a fula e a sosso.

A etnia representa ainda hoje um nível fundamental de organização social, que se traduziu em termos geográficos, até às "campanhas de pacificação"⁹, pela existência de fronteiras entre os diferentes territórios (*chãos*). Contudo, esta divisão político-social do território - assente no princípio da anceanidade em relação ao povoamento de cada *chão* -, continuou a ser respeitada pela população, passando embora a permitir a livre circulação de pessoas. É assim que o território de Cubucaré, bem como toda a província de Tombali, é vulgarmente conhecido por "Chão de Nalús".

As linhagens são o centro das relações de solidariedade e reciprocidade e da transmissão de direitos entre os indivíduos. A base de toda a estrutura social são as *morangas*, tradicionalmente constituídas por mais do que uma

⁵ Atteslander (1995:13) define este conceito, num trabalho sobre destabilização social e o desenvolvimento de sistemas de aviso precoces, como "*normlessness, lawlessness, no sense of social identity, being «socially lost»*".

⁶ Aquilo a que alguns autores (ver Bakema, 1994:9) chamam "*the tragedy of the commons*", numa reinterpretação das ideias de (Hardin, 1968).

⁷ Ver, por exemplo, o caso dos Kuvale em Angola (Duarte de Carvalho, 1999).

⁸ As regiões de Quínara e de Tombali constituem a província Sul da Guiné-Bissau.

⁹ Sobre este assunto, ver Pelissier (1989a e 1989b).

família nuclear. Schiefer e Havik (1993:22) definem *morança* como uma unidade residencial familiar, "mas também um agregado familiar no sentido lato do termo, i.e., o centro de um conjunto de relações ligando entre si os aspectos económicos da produção, distribuição e processamento, aos aspectos sócio-políticos (linhagem, clã, género, grupos etários) e à esfera cosmológica destas sociedades".

Cada *morança*, independentemente do número de famílias nucleares que a integram, é constituída por um ou vários *fogões*, que são as principais unidades de organização da produção, da transformação, do consumo e da distribuição.

Os indivíduos pertencem simultaneamente a diferentes grupos de uma rede de relações multi-dimensional. Cada membro de uma *morança* participa em actividades colectivas que asseguram a reprodução económica e social do sub-grupo principal (grupos de filiação paterna e materna), do grupo elementar (*morança* ou *fogão*) e alargado (linhagem, povoação) e em actividades individuais, que ele executa com vista ao alcance dos seus próprios objectivos. Consoante o seu prestígio e a sua capacidade de negociação, o chefe de família (*morança* ou *fogão*) consegue mobilizar em maior ou menor grau o trabalho e os diferentes rendimentos individuais (e de sub-grupos) para os objectivos colectivos.

O enfraquecimento tendencial da autoridade do chefe da *morança* - que já não consegue impedir a emigração sazonal ou definitiva dos jovens - está a permitir uma crescente autonomia económica das diferentes sub-unidades referidas, bem como uma extensão do período sazonal em que essa autonomia funciona e das áreas em que se exerce.

Contrariando a tradição - que interditava a dedicação a outras actividades para além da produção de arroz e da criação de gado - nos balantas é hoje aceite que alguns filhos emigrem ou se dediquem ao comércio e, como tal, os pais apoiam a sua escolarização.

A progressiva autonomia que é dada aos jovens das etnias islamizadas, para desenvolverem actividades de produção, de comercialização e até de magia - outrora privilégio dos mais velhos - com fins lucrativos de apropriação individual, inscreve-se numa última tentativa dos mais velhos de evitar a sua emigração definitiva. Outra estratégia utilizada pelos mais velhos com o mesmo objectivo, consiste em antecipar a idade de casamento dos rapazes e em assumirem os gastos com o pagamento do dote da segunda mulher. As mulheres são as mais atingidas, pois o facto de constituírem família não consegue desvanecer a miragem da emigração em muitos jovens, que partem deixando as esposas e filhos.

As *moranças* estão a perder a sua coesão em relação à capacidade de mobilização de mão de obra e de criação de rendimentos destinados a investimentos produtivos de apropriação colectiva. Nas etnias islamizadas, esta tendência irá, a curto-prazo, sobrecarregar as mulheres em termos de responsabilidades na auto-suficiência das famílias, esvaídas dos seus membros adultos do sexo masculino ou sem poder contar com o seu papel activo na produção de alimentos. Nos balantas, pelo contrário, o fornecimento do arroz para a alimentação da família é inteiramente responsabilidade masculina e o seu não cumprimento dá às mulheres o direito de abandonar o marido.

A diminuição da autoridade dos mais velhos sobre os jovens manifesta-se também no desaparecimento de certas formas de aplicação da justiça em relação à prática do roubo, o que tem permitido o seu incremento.

Tradicionalmente, na etnia balanta a organização em classes de idade conferia uma rigidez intrínseca na capacidade de mobilização da mão de obra intra-*morança*: um homem adulto só podia casar-se e fundar o seu *fogão*, depois de passar por um ritual de iniciação (*fanado*), cuja data dependia essencialmente das condições sócio-económicas do agregado familiar a que pertencia. A guerra anti-colonial e a emigração abalaram profundamente as regras sociais e o poder dos mais velhos e hoje muitos jovens não iniciados casam-se e possuem o seu próprio *fogão*.

A alteração nos hábitos de consumo de álcool - outrora privilégio dos mais velhos e limitado a ocasiões especiais (van der Drift, 1990:102) -, favorecida pelo incremento da cultura do cajú¹⁰, tem sido um factor determinante de diminuição da tradicional capacidade de trabalho balanta. Paralelamente, a introdução da troca da castanha de cajú por arroz veio desincentivar a produção deste cereal e orientar a mobilização de mão de obra intra-*morança* para uma actividade muito menos exigente em tempo de trabalho e em esforço e muito menos sujeita às contingências do clima. A produção de cajú, para além de facultar um consumo gratuito e abundante em álcool, fornece ainda uma fonte acessória de rendimento às mulheres que fabricam o seu vinho.

Na organização do trabalho a nível das povoações (*tabancas*) eram tradicionalmente importantes as *mandjuandades*, que são grupos de socialização dos indivíduos e de entre-ajuda no trabalho, baseados na idade e no

¹⁰ A partir do sumo do falso fruto do cajueiro é confeccionada uma bebida alcoólica.

sexo. Existem ainda grupos informais de entre-ajuda, constituídos por amigos do mesmo género e geralmente também do mesmo estrato etário.

As *madjuandades* trabalhavam rotativamente pelas várias *moranças* de uma povoação, sem ter em conta o diferente número de pessoas com que cada família contribuía na constituição do grupo. O seu pagamento era feito em arroz, depois da colheita, e destinava-se à realização de uma festa do grupo. Hoje, esta forma de solidariedade só é praticada pela etnia *tanda*, exigindo as *majuandades* uma alimentação melhorada - com carne ou peixe -, tabaco e cola e bebidas alcoólicas (nos *balantas*) e ainda um elevado pagamento em dinheiro, que, no caso dos *balantas*, deve ser pago antecipadamente para garantir os serviços na data desejada.

Apesar das grandes alterações ocorridas no plano das formas de entre-ajuda no trabalho, aquilo que Sahlins (1974:193) designou "*generalized reciprocity*" caracteriza ainda hoje as relações sociais intra e inter-étnicas. Este tipo de reciprocidade envolve a oferta de alimentos, o empréstimo de produtos e de dinheiro em momentos de crise, a oferta de cama e alimentação a viajantes, o acolhimento de familiares e amigos em visita, a oferta de objectos mágicos destinados a proteger a pessoa contra infortúnios vários, a oferta de medicamentos tradicionais, a ajuda no trabalho, entre outros.

A hospitalidade a parentes e amigos em visita por tempo indeterminado nunca é recusada, mesmo que a família se esteja a debater com problemas graves de escassez alimentar. O estatuto de "hóspede" não os obriga a participar nos trabalhos colectivos da *morança* e se desejarem podem mesmo desenvolver actividades lucrativas de apropriação individual. De regresso a casa, os membros da *morança* irão ainda entregar-lhes ofertas que, no geral, consistem em produtos agro-alimentares, sementes ou plantas.

Nestas sociedades rurais seria impensável cobrar o arroz que algum parente ou amigo vem pedir no momento da colheita, mesmo quando esta é insuficiente para alimentar a família. Desta forma, os produtores que semearam mais cedo com uma grande percentagem de variedades precoces, produzem mais para a comunidade do que para a sua própria família, acabando muitas vezes, eles próprios, por ter de recorrer a empréstimos entre duas colheitas.

O empréstimo e a dívida estão envolvidos pelas relações de solidariedade e reciprocidade, tornando-se muito difícil cobrar um bem que se emprestou a familiares e amigos, sobretudo quando se trata de pequenas quantidades (que adquirem, no entanto, um montante elevado quando multiplicadas por inúmeras pessoas).

Porém, diversas modificações começam já a operar-se, demonstrando um enfraquecimento progressivo das relações de reciprocidade (Temudo, 1998a:401).

Apesar das relações de solidariedade e reciprocidade atravessarem transversalmente o tecido social inter-étnico, as comunidades estudadas não são consensuais, existindo numerosos pontos de conflito.

Os principais conflitos exercem-se no plano da gestão dos recursos naturais, opondo *balantas* a *nalús* (donos do chão) e no plano do manejo do gado bovino, opondo *balantas* às restantes etnias.

Os *balantas* são a única etnia em Cubucaré que possui gado bovino e após a independência deixaram de o pastorear¹¹. Este facto dá origem a constantes litígios, pois o gado andando em pastoreio livre destrói as culturas e, segundo os costumes locais, se uma cabeça de gado for apanhada a comer uma produção, o prejudicado tem o direito de matar o animal e de ficar com metade ou a totalidade da carne, consoante a dimensão dos danos.

Outro motivo recorrente de conflitos enraíza na tentativa *balanta* de violar as regras de gestão dos recursos naturais, o que se exerce a dois níveis. Segundo a tradição, os *balantas* só teriam direito a terrenos de mangal - onde cultivam o arroz segundo uma técnica própria -, porque exclusivamente sobre eles incidiram os pedidos dos seus antepassados, quando emigraram para Cubucaré. Porém, hoje muitos *balantas* desejam terrenos de floresta para o cultivo de arroz de sequeiro e, frequentemente, ocupam-nos sem cumprirmos os rituais de acesso ao fundiário.

A destruição dos povoamentos de um tipo de palmeira (*Borassus aethiopum*), pela extracção da sua seiva para o fabrico de uma bebida alcoólica é ainda outra fonte permanente de problemas entre *balantas* e *nalús*. Esta espécie é muito valorizada sobretudo para a construção de vigas de casas, mas está hoje em vias de extinção na zona.

Após as primeiras eleições, realizadas em 1994, surgiu um novo ponto de tensão entre a grande maioria da população das etnias islamizadas, apoiante do PAIGC, e a etnia *balanta* que, quase em bloco, votou num novo partido de raiz étnica - o Partido da Renovação Social (PRS). O PRS surge nestas eleições como o principal opositor a Nino Vieira e ao seu partido, tendo perdido as presidenciais por uma margem mínima de votos. O facto de ter havido suspeitas de fraude eleitoral gerou na etnia *balanta* uma revolta acrescida, que em Cubucaré se traduziu por uma guerra surda contra os apoiantes do partido vitorioso, através de um bloqueio temporário das trocas directas de produtos agrícolas e de uma subida do preço do arroz.

¹¹ Em Cubucaré existem duas únicas povoações (Mato Farroba e Darsalam) onde os chefes, pelo seu prestígio, conseguiram impor o pastoreio do gado.

RECURSOS GENÉTICOS - A DIVERSIDADE COMO ESTRATÉGIA DE GESTÃO DA INCERTEZA

O arroz é a principal cultura alimentar da Guiné-Bissau, em especial da região de Tombali, que é o centro da produção deste cereal.

No tempo colonial, o arroz chegou mesmo a ser uma cultura de exportação durante os anos cinquenta, até, primeiro um período de seca e depois a guerra anti-colonial terem invertido esta situação. De facto, aquando da independência, a Guiné-Bissau era um país importador, condição que se perpetuou até hoje, devido a um conjunto de factores de que se destacam a destruição de parte das infra-estruturas produtivas durante a guerra, alterações climáticas, estratégias de desenvolvimento e políticas de preços e de mercado inadaptadas e ainda processos de desintegração das sociedades agrárias (Temudo, 1998b:3-34).

A transformação de Tombali no celeiro de arroz da Guiné-Bissau está associada à migração da etnia balanta para esta região, nos anos trinta, a qual introduziu o sistema de cultivo em *bolanha* salgada¹² (Carvalho, 1949:312). Até essa altura, o arroz era cultivado em sequeiro (sistema itinerante de derrube e queimada) e em regime de alagamento nas zonas baixas interiores (*bolanha* doce).

Os sistemas de produção de arroz estão intimamente associados à matriz étnica, podendo afirmar-se de uma forma relativamente simplista - porque não tem em conta as dinâmicas actuais - que os balantas são os tradicionais cultivadores de arroz em *bolanha* salgada e os fula e tanda, no extremo oposto, são os tradicionais cultivadores em sistema de derrube e queimada. Entre eles encontramos as restantes etnias, que se dedicam em diferentes graus a cada um dos sistemas de produção.

Ao contrário do sistema de produção orizícola de *bolanha* salgada - único capaz de criar excedentes comercializáveis -, o sistema de sequeiro é hoje deficitário em cereais. Actualmente, se a região de Cubucaré, analisada segundo uma perspectiva nacional, é considerada excedentária em arroz, a um nível de análise local verificamos que, embora ainda existam muitos produtores cujos excedentes são vendidos para fora da região, grande parte das famílias debate-se anualmente com um período de escassez alimentar naquele cereal¹³. Este período é, contudo, reduzido no tempo e atenuado na intensidade através de um complicado sistema inter-étnico de troca directa de produtos e de trabalho por arroz e ainda de empréstimo de alimentos, que assenta numa relativa especialização e complementaridade étnicas ao nível do sistema produtivo (Temudo, 1998a).

Se a etnia balanta se dedica tradicionalmente ao cultivo de arroz em *bolanha* salgada e à criação de gado, as etnias islamizadas, pelo contrário, desenvolvem uma produção diversificada e as suas mulheres dedicam-se à produção e transformação de um grande número de produtos agrícolas e a actividades de comércio.

As mulheres são os principais actores sociais no mercado local de troca directa, contribuindo através do arroz que adquirem desta forma para a auto-suficiência da maioria das famílias islamizadas.

Algumas trocas são diferidas no tempo - assentando em relações de confiança -, traduzindo o desfazamento entre as colheitas em sequeiro e em *bolanha* salgada. O amendoim é o produto mais importante da troca e é o caso mais típico, pois é entregue aos produtores balantas em Outubro, os quais só devolvem o arroz em Abril/Maio, depois da debulha.

Uma das práticas necessárias à reprodução do sistema de produção de arroz, face às alterações climáticas ocorridas desde o final dos anos sessenta, é a contínua selecção, multiplicação e introdução de novas variedades.

No sistema de sequeiro, o consumo de toda a colheita das variedades mais precoces, cuja maturação decorre em pleno período de escassez alimentar é uma outra razão que explica a perda das sementes de uma determinada variedade e a sua frequente substituição involuntária. Repare-se que, as regras sociais de solidariedade e reciprocidade permitem a familiares e amigos ir colher em tempo de fome, durante um dia, todo o arroz que puderem transportar à cabeça para casa e que só a partir do segundo pedido, é que é considerado empréstimo a ser reembolsado. Alguns familiares chegam mesmo a transferir-se (ou a enviar crianças) para casa de parentes, em visita de cortesia (*fala mantenha*), durante a colheita das primeiras variedades precoces.

Fora da rede de parentesco e amizade - e mesmo que o dono da produção não necessite -, qualquer família em carência pode também oferecer-se para ajudar a colher e ser paga em arroz, não tendo sido relatados casos de recusa.

¹² Cultivo em solos, conquistados à influência da água salgada de rios e braços de mar, através da construção de um sistema complicado de diques e comportas.

¹³ Na região de Tombali, o arroz é o alimento que simboliza a segurança alimentar, falando-se de "fome" nos períodos de escassez, mesmo quando outros alimentos substitutos existem. Sobre a importância dos factores culturais na determinação de um sub-consumo de alimentos e na percepção da fome, ver Temudo (1998a:311-353).

No sistema de *bolanha* saigada, a oferta de plantas, entre produtores cujo viveiro se revelou insuficiente em relação à área lavrada, por outros que, pelo contrário, dispõem de um excesso de plantas, tem sido uma das razões de experimentação/introdução involuntária de novas variedades. A circulação de plantas de viveiro intra- e extra-morança é frequente, dado que os produtores adoptam uma estratégia de minimização de riscos, utilizando sempre que possível, uma quantidade de sementes relativamente superior ao número de plantas de que vão necessitar.

A guerra anti-colonial poderá também ter contribuído para a introdução de novas variedades, nas zonas do país onde a produção foi completamente paralizada. Em Cubucaré, apesar dos intensos combates, a guerra não afectou a grande diversidade do germoplasma de arroz disponível, nem o sistema de selecção e experimentação. O sistema de produção foi mantido, durante os mais de dez anos de guerra, e esta região fornecia mesmo uma parte importante do arroz que alimentou os combatentes. Actualmente, ainda se encontram em produção muitas das variedades tradicionais identificadas, na década de quarenta, por Espírito Santo (1949).

Observou-se a existência de um conhecimento da distribuição geográfica das diferentes variedades em cultivo ou cultivadas na região, que pode abranger todo o território da Guiné-Bissau. Assim, a manutenção de uma grande diversidade genética - conscientemente preservada no espaço e no tempo - é uma condição de reprodução do sistema de cultivo que, ao aumentar as possibilidades de adaptação a mudanças (clima, mercado, etc), constitui uma estratégia de minimização de riscos.

O cultivo do arroz foi objecto de um profundo processo endógeno de inovação pelas sociedades rurais, que se manifestou essencialmente ao nível da selecção varietal (Temudo, 1996).

A seguir à independência, o programa nacional de pesquisa do arroz, a cargo do Departamento de Pesquisa Agrícola (DEPA), incidiu fundamentalmente sobre a selecção e multiplicação de variedades melhoradas de alto rendimento, ciclo curto e tolerantes à salinidade e resistentes a um fungo (*Piricularia oryzae*), provenientes de estações experimentais do Senegal, da Serra Leoa e da Costa do Marfim.

Embora tenham sido feitos alguns estudos, investigadores e extensionistas não chegaram a compreender as razões da rejeição - após um curto período de experimentação pelos produtores - das variedades melhoradas difundidas. Contudo, durante o mesmo período de tempo os próprios produtores introduziram, experimentaram e difundiram outras variedades através dos seus sistemas informais.

No território nalú de Cubucaré foram relatadas em cultivo, em 1996, 26 variedades de *bolanha saigada* e 23 variedades de sequeiro (Temudo, 1998b:16). No período decorrido entre 1996 e 2000 foram introduzidas 24 variedades, 19 das quais através dos canais informais e cinco por projectos de desenvolvimento.

A maioria dos produtores inquiridos cultiva mais do que uma variedade, apresentando como razões: uma estratégia de minimização dos riscos, maximizando a produção, e uma melhor capacidade de gestão da mão de obra disponível pelo cultivo de variedades com diferentes ciclos vegetativos; adaptação a manchas de solo com diferentes características; adaptação a diferentes condições hídricas; obtenção de diversidade em relação a características organolépticas.

Observa-se actualmente, na etnia balanta, um desincentivo na experimentação de novas variedades. Nesta etnia, são raros os produtores que realizam avaliações da produtividade das variedades que experimentam¹⁴, ou mesmo as simples avaliações anuais da sua produção. No tempo colonial, eram conhecidos como pouco previdentes, por venderem uma quantidade de arroz superior àquela que a sua produção permitia, sendo obrigados a comprar de novo, a preços muito altos, antes da nova colheita (Ribeiro, 1988:2 e 1989:254; van der Drift, 1990:101).

Verifica-se também, nos balantas, uma diminuição - face ao referido por Espírito Santo (1949) -, dos cuidados tidos com a colheita e conservação das sementes e com o armazenamento da produção.

Na etnia balanta, foi observada uma mais intensa experimentação de novas variedades e uma maior diversidade genética exclusivamente nos grandes produtores. São também estes que têm ainda em cultivo as antigas variedades tradicionais de ciclo longo de elevada produção. O boicote às variedades de difícil descasque, pelas mulheres de todas as etnias, foi determinante no abandono de variedades antigas altamente produtivas, mas de tegumento vermelho ou grão pequeno. Nesta medida, a introdução de máquinas descascadoras está a permitir a alguns chefes de *morança* o retorno a variedades como a Atanhã, a Thom e a Aninha.

A orientação para outras actividades - nomeadamente a produção de cajú, cuja castanha é trocada por arroz importado - e a perda da tradicional capacidade de mobilização de mão de obra está a traduzir-se num desincentivo à produção de arroz, que até há poucos anos era a sua quase exclusiva fonte de rendimento.

¹⁴ Aquilo a que Richards (1994:168) designa "*input/output trials*", que ele refere serem praticados pela etnia mende da Serra Leoa.

No sistema de produção de sequeiro continua a ser mantida uma grande diversidade de variedades com diferentes características, nomeadamente em relação ao ciclo vegetativo. Em média, cada produtor cultiva três variedades (29% usa mais do que três e o número máximo observado foi de sete), enquanto que em *bolanha* salgada a maioria dos produtores inquiridos semeia anualmente duas variedades diferentes (23% cultiva mais do que duas).

Foram identificados 27 critérios locais de selecção varietal de arroz. Três são, contudo, considerados determinantes na avaliação daquilo que condiciona a classificação de uma variedade como "arroz de família" ou "melhor arroz": "rendimento no campo" (produtividade medida em termos de volume); "rendimento no caldeirão" (grau de inchamento do grão durante a cozedura); "rendimento na barriga" (tempo de digestão);

As principais razões que conduzem ao abandono de variedades experimentadas e cultivadas são a longa duração do ciclo vegetativo, o fraco grau de inchamento do grão durante a cozedura e o tempo de digestão reduzido.

A falta de "rendimento no caldeirão" foi a principal razão apontada para o abandono das variedades melhoradas introduzidas pelo DEPA, cujo expoente máximo foi o Rok5.

Para além da fraca capacidade de inchamento do grão, o "excesso" de sabor foi também apontado como razão para a não adopção de variedades difundidas por aquele organismo de pesquisa. A escolha do sabor surge, desta forma, como uma estratégia de controlo do consumo e portanto de segurança alimentar. Certas variedades pouco saborosas são mesmo escolhidas por alguns produtores para o tempo de escassez. Porém, a pesquisa realizada em 1999 e 2000, revelou, em relação ao período de pesquisa anterior, um incremento no cultivo de variedades consideradas muito saborosas.

O processo de experimentação e os saberes locais associados à selecção varietal do arroz têm subjacentes critérios de decisão de minimização dos riscos de défice alimentar, aos quais se submetem os critérios de adaptação agro-ecológica. Pode considerar-se que estes critérios, no seu conjunto, integram um saber complexo de "gestão da incerteza" em que se desenvolve a produção agrícola em regiões de fracos recursos.

A experimentação de uma nova variedade faz-se se existe a expectativa de que ela seja melhor do que uma das variedades cultivadas, em relação a um ou vários critérios de selecção. A variedade é adoptada, se essas expectativas forem confirmadas experimentalmente. A adopção de uma nova variedade por um produtor, só em casos muito excepcionais envolve a substituição de todas as variedades em cultivo, mas, regra geral, esta introdução é feita em pequena escala, de forma gradual e não exclusiva.

A abordagem do DEPA - que tem vindo a ser seguida por alguns projectos de desenvolvimento - assentava no pressuposto da superioridade das variedades "melhoradas", que deveriam substituir as variedades locais por forma a garantir o objectivo nacional de alcance da auto-suficiência alimentar em arroz. Os sistemas de racionalidade do DEPA e dos produtores eram desta forma antagónicos, o impossibilitou o estabelecimento de comunicação.

Recentemente, o Instituto Nacional de Pesquisa Agrícola (INPA) - organismo que substituiu o DEPA - tem vindo a adoptar, com o apoio da *West Africa Rice Development Association* (WARDA), uma abordagem mais participativa na selecção varietal, cujo impacte é difícil de avaliar dada a escassez de meios humanos e financeiros com que este instituto se debate.

Um estratégia - muito valorizada pelos produtores por reproduzir uma das funções dos comerciantes no tempo colonial - foi adoptada por uma ONG italiana, através da promoção de associações de produtores para a criação de lojas, que, entre outras coisas, se dedicam à compra de excedentes de arroz, para a venda como alimento ou semente no tempo das chuvas. Os produtores, por vezes, percorrem grandes distâncias à procura das sementes de uma variedade desejada e a loja, ao prestar um serviço centralizado, pode desempenhar um papel importante.

GUERRA E RESILIÊNCIA SOCIAL

Em Julho de 1998 eclodiu na Guiné-Bissau um conflito político-militar, que, se na aparência, se tratou de um contencioso entre duas figuras políticas - o brigadeiro Ansumane Mané e o Presidente Nino Vieira -, acerca da venda de armas aos rebeldes do Casamança, na raiz do problema estava o profundo descontentamento social com a política seguida pelo então Presidente da República - em especial dos antigos combatentes - e lutas intestinas no seio do próprio PAIGC.

A guerra assumiu um cariz marcadamente urbano, muito embora a vinda de contingentes militares do Senegal e da Guiné Conacry, solicitados por Nino Vieira, tivessem permitido alastrar esporadicamente os confrontos a algumas áreas rurais.

Cubucaré foi uma "zona libertada" durante a guerra anti-colonial e ainda hoje a maioria da população islamizada - ao contrário da etnia balanta - mantém-se fiel ao PAIGC. Por este motivo, no início do conflito armado (1998-1999) optaram por se manter afastados, mas numa atitude crítica em relação a uma guerra interna ao partido, que tentava pela força destituir Nino Vieira - uma figura carismática, que haviam ajudado a eleger. Pelo contrário, a etnia balanta aderiu de imediato à posição da Junta Militar.

A situação foi radicalmente alterada com a vinda das tropas estrangeiras e só aqueles que pertenciam à rede de clientelismo mais chegada, continuaram a apoiar Nino Vieira.

A elite urbana refugiou-se no estrangeiro, mas a maioria da população dirigiu-se para as zonas mais afastadas da capital. Em Cubucaré a maior parte das famílias inquiridas (72%) recebeu deslocados, muitos dos quais eram simples vizinhos dos seus familiares, que habitavam em Bissau e que correram para o campo. Em média, cada morança recebeu sete deslocados, mas houve vários casos em que o seu número ultrapassou de longe o do agregado familiar.

Observaram-se diferenças entre as famílias balantas e as famílias pertencentes a etnias islamizadas. Nos balantas foi maior o número de famílias que não receberam deslocados e os valores médio e máximo de deslocados por família foram mais baixos (respectivamente, quatro e oito), do que nas famílias de etnias islamizadas, nas quais o número máximo de deslocados chegou a vinte e oito. Na amostra estudada (99 *moranças*), das vinte e sete famílias que não receberam deslocados, 52% eram da etnia balanta.

Os deslocados chegaram sem dinheiro e com a roupa do corpo, tendo-lhes sido dada alimentação e abrigo, sem a exigência de qualquer contrapartida, pela atribuição do estatuto de "hóspede".

Muitos dos deslocados - boa parte eram também crianças - não participaram nos trabalhos agrícolas, na colheita de alimentos espontâneos, nem nas actividades de transformação e comercialização orientadas para a aquisição de arroz por compra ou troca directa. Foram mesmo relatados casos de deslocados que, nos dias de trabalho colectivo da morança, decidiam ir de visita a outras famílias conhecidas, o mesmo se passando também nos momentos em que a alimentação mais escasseava.

Aqueles cujo "corpo ainda estava habituado ao trabalho bruto", colaboraram nos trabalhos colectivos e em 1999, no final da guerra, pediram parcelas individuais cujo rendimento levaram consigo para Bissau, conjuntamente com as ofertas que lhes foram feitas para recomeçar a vida.

O conflito durou quase um ano e, com algumas excepções, os deslocados só regressaram quando a paz estava assegurada. No geral, os homens foram os primeiros a voltar para a capital, deixando transitoriamente as mulheres e os filhos a salvo no campo.

A guerra surgiu em pleno início da campanha agrícola, que sucedeu a um ano de seca e, portanto, os deslocados vieram consumir as magras reservas de cereais destinadas à alimentação da mão de obra. A campanha agrícola de 1998 foi igualmente marcada pela seca, o que agravou as condições de segurança alimentar, em especial dos produtores em sistema de *bolanha* saigada¹⁵, nomeadamente da etnia balanta.

A ajuda alimentar internacional revelou-se insuficiente - as tropas estrangeiras aliadas de Nino Vieira tentaram impedir a sua entrada ou apropriar-se dela - e em parte desviada durante a distribuição pelo país. Em Cubucaré, muitas famílias com deslocados não receberam qualquer apoio e as restantes tiveram uma ajuda variável, consoante a proximidade da sua povoação em relação ao centro de distribuição da zona. Em nenhum caso, a ajuda por refugiado, anunciada nos meios de comunicação, foi recebida na totalidade.

A ajuda foi constituída por arroz, óleo alimentar e um preparado de farinha de trigo destinado à confecção de papas para crianças. De salientar, que apesar dos hábitos alimentares da população não incluírem este último alimento, a sua aceitação foi boa - ao contrário do que muitas vezes é mencionado noutros contextos de ajuda de emergência -, tendo sido consumido também por adultos e podendo ainda em Abril de 2000 observar-se a comercialização, da parte que foi desviada, nos mercados rurais.

Os circuitos de comercialização foram parcialmente desarticulados durante a guerra, no entanto, o eixo Gabú-Cacine manteve-se em funcionamento, devido ao bom estado da estrada e ao espírito aventureiro dos comerciantes ambulantes. Se, nalguns casos, eram os comerciantes a "alugar" os carros do exército, noutros, eram os militares da Junta Militar a requisitar as viaturas dos comerciantes para transportar soldados ou material de guerra.

¹⁵ Este sistema de produção é muito mais dependente das condições pluviométricas - sendo muito afectado por um fim precoce da estação das chuvas -, pela necessidade de dessalinizar o solo e porque este só pode ser lavrado, quando bem molhado.

Dado que, devido ao péssimo estado da estrada, só durante os cessar-fogo é que alguns comerciantes se deslocaram a Cubucaré para comprar fruta, os produtores desta região foram obrigados a transportar os seus produtos à cabeça e de canoa até Cacine, quando se tornou imprescindível adquirir dinheiro para o sustento da família. Com efeito, os mercados fronteiriços da região de Quitáfine continuaram a funcionar durante toda a guerra, beneficiando mesmo da presença de comerciantes ambulantes da Guiné Conakry - que os abasteciam em bens de consumo de primeira necessidade -, quando estes conseguiam iludir a guarda das fronteiras.

Em consequência das dificuldades de escoamento de produtos e de abastecimento em bens de primeira necessidade, as trocas directas locais intensificaram-se em termos de tempo consumido. Nestas trocas, os principais actores sociais foram as mulheres muçulmanas, que investiram nas actividades de produção e transformação, percorrendo grandes distâncias à procura de um produtor balanta com excedentes em arroz, para assim poderem alimentar a sua família.

Mulheres e homens balantas orientaram-se para o comércio de bebidas alcoólicas, nomeadamente de aguardente de cana de açúcar, que floresceu durante a guerra. Porém, o papel das mulheres desta etnia no fornecimento de arroz às famílias foi secundário e muitos chefes de *morança* viram-se obrigados a matar uma vaca ou um porco para assim adquirirem o cereal por troca directa ou venda a dinheiro. Dadas as restrições linhageiras à diminuição dos efectivos pecuários, muitos chefes de *morança* balantas optaram por pedir emprestadas cabeças de gado a amigos, vendo-se agora confrontados com uma dívida que terão de pagar a curto prazo.

Várias estratégias foram desenvolvidas para fazer face ao problema da segurança alimentar, as quais se podem sub-dividir em estratégias alimentares e estratégias produtivas.

As primeiras consistiram em alterações do regime alimentar, por forma a "economizar" o consumo de arroz, que reproduzem as estratégias já adoptadas durante os períodos anuais de escassez alimentar. Também, neste caso, é possível estabelecer uma clara diferenciação entre balantas e etnias islamizadas. Os primeiros confeccionavam uma única refeição diária (*um tiro*), por volta das três horas da tarde - com excepção dos picos de trabalho em que eram servidas duas - e, em certos períodos, o arroz era cozinhado com feijão ou servido com óleo de palma ou com a polpa triturada dos frutos da palmeira do dendém, com o duplo objectivo de enriquecer o regime nutricional e tornar a digestão mais lenta.

As etnias islamizadas, possuem hábitos alimentares mais diversificados (Temudo, 1998a:311-353) e a "economia" de arroz foi conseguida fazendo variar as fontes calóricas - arroz/bananas, mandioca, inhame, batata doce ou feijão, em refeições alternadas ou dias alternados, consoante as condições de escassez de arroz e a aceitação pelos membros da família -, cozinhando o arroz misturado com sorgo para o "fazer render" ou muito líquido (*badadji*). Só o pequeno almoço é que foi suprimido, nas famílias com maiores dificuldades e nos períodos de maior escassez e, mesmo nestes casos, as crianças eram alimentadas.

Observou-se um maior consumo dos alimentos de plantas espontâneas, em especial do inhame (etnias tanda e nalú), mas também de outros que já não pertencem actualmente ao regime alimentar dos períodos de escassez, como o caso dos palmitos (etnias sosso e nalú) e frutos do mangal (etnias balanta e nalú).

As estratégias produtivas consistiram em aumentar a produção de raízes e tubérculos (mandioca, batata doce e inhame e falso inhame), durante a estação seca de 1998 e a produção de arroz e/ou de outros cereais mais resistentes à seca, como o sorgo, o milheto e o fónio, durante a estação das chuvas de 1999 e ainda na utilização da técnica de sementeira directa de arroz nas *bolanhas* salgadas, por forma a rentabilizar a quantidade de sementes possuída.

O aumento da produção de arroz foi conseguido - no caso dos produtores com disponibilidade de sementes e de arroz para a alimentação da mão de obra - através de um aumento da área ou da diversificação do sistema de cultura (cultivo em sequeiro para os produtores em *bolanha* salgada e cultivo em *bolanha* doce para os de sequeiro e *bolanha* salgada). Esta última estratégia foi adoptada com o objectivo de obter arroz precoce. Paralelamente, muitos produtores, nomeadamente de *bolanha* salgada, ao avaliarem o início da estação das chuvas como indicador de um ano excepcionalmente pluvioso, orientaram parte da sua produção para variedades de ciclo longo, cujas sementes obtiveram de outros produtores.

O sistema de gestão das sementes não foi desarticulado pela guerra. Em *bolanha* salgada, só 12,2% dos produtores consumiu as suas sementes, enquanto 15,4% consumiu parte e 66,1% não consumiu. Em sequeiro 55,6% dos produtores declarou não ter consumido as sementes e só 15,5% consumiu a totalidade.

As estratégias desenvolvidas pelos produtores que consumiram a totalidade ou parte do seu *stock* de sementes, consistiram em trocar cola, arroz destinado à alimentação (sem pureza varietal), mel (para a confecção de hidromel, necessário à contratação de mão de obra em *bolanha* salgada), ou trabalho, por sementes. Em muitos casos os agricultores de *bolanha* salgada receberam gratuitamente plantas de viveiro, de outros com excedentes. Em todos os

sistemas de cultura, alguns produtores receberam a oferta de pequenas quantidades de sementes de parentes e amigos, o que resultou numa grande proliferação de variedades de arroz num mesmo campo.

Repare-se que das quatro¹⁶ variedades referidas como tendo sido distribuídas durante a ajuda de emergência, só uma correspondeu às preferências dos produtores – a Banimalio –, a qual ironicamente não é uma variedade melhorada, mas uma variedade tradicional da região Leste do país, que é usada como testemunha nos ensaios varietais em Estação Experimental. As restantes são avaliadas como más, em relação aos critérios de “rendimento no caldeirão”, “rendimento na barriga”, e altura do caule. Sendo variedades de caule curto, não estavam também adaptadas às condições de elevado nível de água que ocorreram na maioria das *bolanha* salgadas e doces devido às quedas pluviométricas excepcionais que ocorreram em 1999. Todas as variedades distribuídas já se encontravam em difusão há alguns anos e, como tal, a realização prévia de um estudo simples da sua taxa de adopção, poderia ter tornado a ajuda de emergência mais eficaz. Cumulativamente, a distribuição das sementes ocorreu muito tarde e a maioria dos produtores referiu não ter obtido produção. Alguns, ao preverem uma má colheita, preferiram mesmo destiná-las à alimentação.

Os padrões de cooperação no trabalho foram alterados para formas de entre-ajuda, que se tinham perdido após a guerra anti-colonial. Com efeito, e exceptuando as povoações balantas, na maioria das povoações de etnias islamizadas as *madjuandades* não cobraram pelo trabalho realizado. Noutros casos, aceitaram cobrar após a colheita e diminuíram substancialmente o preço. Por outro lado, dadas as condições de escassez alimentar, cada jovem trazia da sua morança a alimentação necessária para um dia de trabalho e o dono do campo, que em cada dia era trabalhado, só se responsabilizava por fornecer um reforço da alimentação. Ora, como já foi referido, os encargos com a alimentação dos grupos de trabalho são extremamente elevados, o que actualmente desmotiva muitos produtores para a sua contratação.

A situação de escassez alimentar mais grave surgiu durante a estação das chuvas de 1999, já depois da guerra ter terminado. Todavia, enquanto que muitos produtores balantas possuíam cajueirais e puderam adquirir arroz por troca da castanha, os produtores de etnias muçulmanas, dependentes da venda de bananas e laranjas para a compra de arroz e a realização de investimentos produtivos, ficaram em pior situação, dado que a campanha da colheita já tinha terminado.

Esta falta de liquidez dificultou-lhes a compra de arroz, trazido por comerciantes ambulantes (*djilas*) durante os cessar-fogo e após a guerra terminar, forçando-os a uma relação de troca extremamente desvantajosa de óleo de palma por arroz. Parte deste cereal que chegou a Cubucaré, proveio dos armazéns de Bissau, que a Junta Militar abriu para a população durante a guerra. Por estes motivos, é corrente a afirmação de que “os *djilas* é que lucraram mais com esta guerra”.

Na região, a ajuda, no pós-guerra, facultada por ONGs locais e estrangeiras foi relativamente reduzida e consistiu: na distribuição de sementes a crédito de campanha; no abastecimento de associações em arroz e feijão (o preço reflectiu unicamente os gastos com o transporte); no abastecimento em arroz (a preço de mercado) de alguns bancos de cereais de associações de mulheres; num programa, financiado pelo Programa Alimentar Mundial (PAM), de “*food for work*” orientado para a limpeza de estradas (desbaste da vegetação) e para o cultivo de arroz em *bolanha* doce. Não houve porém qualquer acção concertada entre ONGs, quer durante a guerra, quer após a sua conclusão.

As acções mais valorizadas pela população foram a venda, através de associações de produtores, de arroz e feijão (a preço simbólico) por uma ONG estrangeira ligada à Igreja católica e o programa de limpeza de estradas implementado por uma ONG local, que contudo abrangeu um número muito reduzido de povoações.

Entre os deslocados, que se deslocaram para Cubucaré durante a guerra, vieram também mauritanos – que em Bissau dominam, desde os finais dos anos oitenta, o comércio a retalho de bens de primeira necessidade –, alguns dos quais resolveram permanecer, melhorando o abastecimento e reduzindo os preços de muitos bens de uso corrente.

Muito embora o clima geral vivido durante a guerra tenha sido de franca solidariedade, foram relatados alguns conflitos entre facções pró e contra Nino Vieira e a existência de “seguranças”, que faziam chegar a informação a cada uma das facções na capital do país.

¹⁶ Note-se que o relatório da FAO (sd), sobre a ajuda de emergência facultada em sementes, refere exclusivamente 3 variedades: IR 15-29 (*bolanha* salgada), Banimalio (*bolanha* salgada e *bolanha* doce) e Sahel 108 (sequeiro). No entanto, segundo informações pessoais dos voluntários do Projecto Cafale, que receberam sementes da CARITAS, a sua organização teria distribuído 2 variedades diferentes de *bolanha* salgada. Daí se explicaria a atribuição de dois nomes locais diferentes.

Foram ainda relatadas ameaças da etnia balanta de que, se a Junta Militar ganhasse, o seu gado não poderia continuar a ser morto, quando apanhado a destruir culturas - "nós vamos matar, aqueles que matarem o nosso gado". Em Cubucaré, este é um ponto de grande sensibilidade na gestão das relações inter-étnicas.

CONCLUSÕES

A integração dos deslocados nas sociedades agrárias atenuou os traumatismos provocados pela guerra, traumatismos esses que muitas vezes estão na origem de comportamentos destrutivos. Ao contrário do que teria acontecido com a sua concentração em campos de deslocados - verdadeiras incubadoras do potencial de violência dos jovens (Schiefer, 2000) -, as populações urbanas deslocadas foram dispersas em pequenas unidades (*morangas*) e acolhidas num ambiente de estabilidade social, onde beneficiaram não só da partilha de alimentos, mas também de outros recursos como valores culturais, afecto, conforto e até da possibilidade de serem integrados em actividades produtivas, de colecta, de transformação e de comércio, cujos rendimentos poderiam ser apropriados individualmente.

Esta guerra civil reforçou os mecanismos de solidariedade campo-cidade, permitindo a sobrevivência da maior parte da população urbana, que pôde retomar a sua actividade logo após o fim das hostilidades.

De salientar, que uma parte dos deslocados não eram parentes, nem amigos das famílias que os albergaram sem exigir nada em troca, mas simples vizinhos daqueles ou companheiros de fuga. Por este motivo, a rede de recepção na cidade foi alargada, tornando interessante estudar em que medida o potencial de migração para os centros urbanos aumentou.

Durante a situação de crise alimentar aguda que ocorreu na estação das chuvas de 1999, as relações de entreajuda foram mantidas e em alguns casos mesmo reactivadas.

Não se observaram alterações nos padrões de cooperação social, através dos quais o sistema de sementes é gerido.

O sistema de aquisição de sementes não foi monetarizado, nem tão pouco o arroz resultante da colheita das variedades mais precoces. Ao nível das formas de entre-ajuda no trabalho, a etnia balanta sendo a que mais sofreu, no seu conjunto, com a sequência de dois anos de seca em simultâneo com a recepção dos deslocados, não conseguiu, no entanto, mobilizar os jovens para formas mais solidárias de cooperação no trabalho.

A multiplicidade de critérios e a descentralização e estratificação na tomada de decisões, concernentes à selecção varietal, observadas nas *morangas* das sociedades agrárias estudadas, legitimam o desenvolvimento de "pacotes de opções tecnológicas", que ao multiplicarem as possibilidades de escolha, vão reforçar as capacidades locais de experimentação e inovação e, como consequência, a segurança alimentar (Temudo, 1996). A maximização da produtividade, através da introdução de variedades melhoradas, adaptadas a condições médias de solo e de clima, não é considerada critério prioritário pelos produtores. Estes factos são de extrema importância, quer no delineamento de programas e projectos de investigação, quer no quadro da ajuda de emergência. Repare-se que a erosão dos recursos genéticos pelas guerras reduz o potencial de reconstrução das sociedades agrárias quando a paz surge e que a ajuda de emergência, com sementes adaptadas às condições locais, pode desempenhar um papel vital no reforço dos mecanismos de auto-ajuda e auto-organização locais.

O arroz é a cultura alimentar mais importante num conjunto de países da África Ocidental, nos quais os recursos genéticos desta espécie são ainda conservados *in situ* e, como tal, extremamente sensíveis às consequências nefastas de guerras e catástrofes naturais (Richards e Ruivenkamp, 1997). O facto de a diversidade de germoplasma em Cubucaré - centro da produção de arroz na Guiné-Bissau - não ter sido afectada durante este conflito político-militar, é de suma relevância para países como a Serra Leoa e a Libéria, onde as respectivas guerras provocaram uma erosão drástica do germoplasma de arroz existente (Richards e Ruivekamp, 1997).

O rápido processo de mudança observado na sociedade balanta exige um estudo profundo, que permita deslindar se se trata - como aparenta numa primeira análise - de um processo de desintegração social ou, pelo contrário, de uma adaptação acelerada às condições do mundo envolvente (reorganizando-se para outras actividades que de momento são mais lucrativas). Repare-se que é nesta etnia que os mecanismos de previdência e de auto-responsabilização parecem estar menos activos, sendo aquela que mais sofreu, no seu conjunto, com os efeitos da seca e da recepção dos deslocados.

Os baiantas encontram-se num processo de endividamento, que se poderá tornar crónico, se ocorrer uma nova sequência de anos secos. Este facto irá afectar não só a sua capacidade de trabalho, pela falta de sementes e de possibilidades para mobilizar os grupos de entre-ajuda, como as próprias relações inter-étnicas, ao quebrar as relações de confiança nas quais as trocas directas desfazadas no tempo assentam.

"As dívidas não envelhecem", como afirmou um produtor em relação à sua análise da impossibilidade dos balantas poderem pagar as dívidas contraídas em 1997, 1998 e 1999. Contudo, elas só podem ser inscritas no sistema de reciprocidade generalizada, se os produtores que concederam os empréstimos, não estiverem eles próprios dependentes do pagamento para alcançarem a auto-suficiência em arroz.

A guerra e a subsequente vitória eleitoral de um partido de cariz étnico (balanta), veio, no entanto, abrir fissuras no equilíbrio da arena local de conflitos inter-étnicos. Muito embora a elite no poder não tenha, por enquanto, tentado instrumentalizá-lo em linhas étnicas, nos meios rurais, a pesquisa realizada indica a possibilidade de poderem vir a surgir bolsas de conflitos inter-étnicos, que terão um potencial destrutivo muito superior a esta última guerra.

A etnia balanta, que mais contribuiu com soldados para a luta anti-colonial e para esta guerra civil, tem sido estigmatizada ao longo dos tempos pelas outras etnias e foi marginalizada do poder e destituída dos seus mais altos quadros pelo governos de Nino Vieira. Tratando-se da etnia maioritária na Guiné-Bissau, é assim explicável o surgimento e a vitória de um partido claramente étnico, embora este feito só tenha sido possível graças ao apoio do eleitorado, na maioria urbano, de outros partidos, desgastado com a perpetuação da dominação do PAIGC.

A sua forte adesão a esta guerra civil pode ainda traduzir, não só um certo aventureirismo e fuga da autoridade por parte dos jovens, mas também uma tentativa da própria etnia aumentar o seu potencial militar, pela integração numa forma de organização militar moderna.

A vitória do PRS desequilibró o jogo de forças local, aumentando a capacidade de manobra da etnia balanta para contestar algumas leis consuetudinárias de gestão social inter-étnica. Da parte das restantes etnias, a atitude é de expectativa - "Nós estamos a escutar ainda, mas queremos ver se este vai ser um Estado das vacas ou das pessoas".

BIBLIOGRAFIA

- Atteslander, P. (1995) - Introduction. In Atteslander, P. (ed.), *Anomie. Social destabilization and the development of early warning systems. International Journal of Sociology and Social Policy*, 15 (8-10), p.9-23.
- Bakema, R. (1994) (ed.) - Land tenure and sustainable land use. *KIT Bulletin*, Amsterdam, 332, 47p.
- Carvalho, J. (1949) - Nota sobre a distribuição e história dos povos da área do Posto de Bedanda. *Boletim Cultural da Guiné Portuguesa*, Bissau, 14, p.307-318.
- Desjeux, D. (1987) - *Strategies paysannes en Afrique Noire - Le Congo*. Paris, Harmattan, 247p.
- Duarte de Carvalho, R. (1999) - *Vou lá visitar pastores*. Lisboa, Cotovia, 371p.
- Espirito Santo, J. (1949) - Notas sobre a cultura do arroz entre os balantas. *Boletim Cultural da Guiné Portuguesa*, Bissau, 4 (14), p.197-232.
- FAO (sd) - *Fourniture d'urgence d'intrants agricoles aux populations affectées par la crise. OSRO/GBS/901/SWE - Rapport final*. FAO, Bissau, 11p.
- Hardin, G. (1968) - The tragedy of the commons. *Science*, 162, p. 1243-48.
- Oliveira, O. et al. (1993) (ed.) - *Armazenamento tradicional na Guiné-Bissau*. Lisboa, Muenster, 448 p.
- Pelissier, R. (1989a) - *História da Guiné. Vol. I*. Lisboa, Editorial Estampa, 280 p.
- Pelissier, R. (1989b) - *História da Guiné. Vol. II*. Lisboa, Editorial Estampa, 365 p.
- Ribeiro, R. (1988) - O arroz na mentalidade balanta. *Boletim de Informação Sócio-Económica*, Bissau, 2, p. 1-11.
- Ribeiro, R. (1989) - Causas da queda de produção de arroz na Guiné-Bissau - A situação no sector de Tite, região de Quinara. *Revista Internacional de Estudos Africanos*, Lisboa, 10-11, p.227-265.
- Richards, P. (1994) - Local knowledge formation and validation: the case of rice in central Sierra Leone. In: Scoones, I. & Thompson, J. (ed.), *Beyond farmer first*. London ITP, p.39-43.
- Richards, P. e Ruivenkamp, G. (1997) - *Seeds and survival. Crop genetic resources in war and reconstruction in Africa*. Roma, IPGRI, 63p.
- Sahlins, M. (1974) - *Stone age economics*. London, Tavistock Publications, 348p.
- Schiefer, U. (1986) - *Guinea-Bissau zwischen Weltwirtschaft und Subsistenz*. Bonn, ISSA, 381p.
- Schiefer, U. (2000) - *Von allen guten Geistern verlassen? Dissipative Oekonomie: Entwicklungszusammenarbeit und der Zusammenbruch afrikanischer Gesellschaften. Eine Fall-Studie zu Guinea-Bissau*. 434 p. (Habilitationdissertation Universitaet Muenster).
- Schiefer, U. e Havik, P. (1993) - Introdução. In Oliveira, O. et al. (ed.), *Armazenamento tradicional na Guiné-Bissau*. Lisboa, Muenster, 448 p.
- Temudo, M.P. (1996) - A escolha do sabor, o saber da escolha: seleção varietal e segurança alimentar na Guiné-Bissau. *Revista de Ciências Agrárias*. Lisboa, (4), p. 69-95.
- Temudo, M. P. (1998a) - *Inovação e mudança em sociedades rurais africanas. Gestão dos recursos naturais, saber local e instituições de desenvolvimento induzido*. Vol. I, Lisboa, ISA, 488 p. (Tese de Doutoramento).
- Temudo, M.P. (1998b) - *Inovação e mudança em sociedades rurais africanas. Gestão dos recursos naturais, saber local e instituições de desenvolvimento induzido*. Vol. II, Lisboa, ISA, 250 p. (Tese de Doutoramento).
- Van der Drift, R. (1990) - O desenvolvimento do consumo de álcool entre os Balanta-Brassa da aldeia de Foia no Sul da Guiné-Bissau. *Soronda*, Bissau, 9, p.95-115.